



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

PRISCILA SANTANA PACHECO DE ALMEIDA

**ENSINO REMOTO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS PROFESSORES NA PANDEMIA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2022

PRISCILA SANTANA PACHECO DE ALMEIDA

**ENSINO REMOTO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS PROFESSORES NA PANDEMIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Graduação de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro – Brasileira UNILAB, como requisito básico para a conclusão em Pedagogia, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Mariana da Costa A. Petroni.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2022

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

A45e

Almeida, Priscila Santana Pacheco de.

Ensino remoto no contexto da Educação de Jovens e Adultos : desafios enfrentados pelos professores na pandemia / Priscila Pacheco Santana de Almeida. - 2022.

48 f.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2022.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Mariana da Costa Aguiar Petroni.

1. Covid-19 (Doença) - São Francisco do Conde (BA). 2. Educação de jovens e adultos - São Francisco do Conde (BA). 3. Ensino à distância - São Francisco do Conde (BA). I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 374.98142

PRISCILA SANTANA PACHECO DE ALMEIDA

**ENSINO REMOTO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS PROFESSORES NA PANDEMIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Graduação de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, como requisito básico para a conclusão em Pedagogia.

Data de aprovação: 14/02/2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Mariana da Costa A. Petroni (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof.^a Dr.^a Andreia Silveira

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof.^a Dr.^a Carla Verônica Albuquerque de Almeida

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

AGRADECIMENTOS

A Deus e a Meishu Sama, por permitir seguir meu caminho me dando força, equilíbrio e sabedoria em todos os momentos da minha vida.

A minha mãe (in memoriam) que não está mais neste plano material, mas que se faz presente em espírito. Obrigada Mainha! Sei o quanto está feliz em me vê subindo mais um degrau.

A minhas tias, pelo amor e dedicação contribuindo para minha formação enquanto ser humano. Sou eternamente grata por todo apoio.

As minhas irmãs, que são uma parte de mim, sempre estiveram ao meu lado nos momentos que mais precisei.

A meu namorado Cleiton, por me apoiar na vida e tornar meus dias mais leves e engraçados.

A minha Orientadora Mariana da Costa A. Petroni, pela atenção e dedicação no processo de orientação, seus ensinamentos foram relevantes para o andamento do meu trabalho.

Aos professores da UNILAB que contribuíram para minha formação acadêmica e me fizeram enxergar o mundo com outros olhos.

RESUMO

Com o surgimento da pandemia do novo Coronavírus (COVID 19), o mundo vivenciou uma série de transformações. A sociedade precisou adotar medidas sanitárias para conter a disseminação do vírus, com restrições e isolamento social, medidas que afetaram vários aspectos da vida: social, econômica, educacional. No campo da educação, as escolas tiveram que interromper suas aulas presenciais ofertando em seu lugar aulas no formato online (remoto). Com a adoção de novas metodologias os professores enfrentaram muitos desafios no andamento das suas atividades. Para analisar este momento o presente trabalho elaboramos um questionário aberto com 4 (quatro) professores e 1 (uma) coordenadora da EJA de um colégio estadual, localizada em São Francisco do Conde, região metropolitana de Salvador. O trabalho tem um cunho bibliográfico e sua pesquisa qualitativa. Como base para a pesquisa foram abordados autores como FREIRE (1996), ARROYO (2007), HADDAD (2000). A partir das discussões teóricas sobre EJA (Educação de Jovens e Adultos), currículo e tecnologias digitais buscou-se analisar as dificuldades encontradas pelos professores na ministração das aulas remotas na EJA. A pesquisa mostrou que os desafios, por exemplo, ocorreram pela não formação docente na área tecnológica e a precarização no acesso dos estudantes aos recursos tecnológicos. Mesmo com as adversidades no momento pandêmico os professores se reinventaram para propor metodologias que pudessem atender ao público da EJA com qualidade.

Palavras-chave: Covid-19 (Doença) - São Francisco do Conde (BA). Educação de jovens e adultos - São Francisco do Conde (BA). Ensino à distância - São Francisco do Conde (BA).

ABSTRACT

With the emergence of the new Coronavirus (COVID 19) pandemic, the world has experienced a series of transformations. Society had to adopt health measures to contain the spread of the virus, with restrictions and social isolation, measures that affected various aspects of life: social, economic, educational. In the field of education, schools had to interrupt their face-to-face classes, offering instead classes in the online (remote) format. With the adoption of new methodologies, teachers faced many challenges in the course of their activities. To analyze this moment, the present work elaborated an open questionnaire with 4 (four) teachers and 1 (one) coordinator of the EJA of a state college, located in São Francisco do Conde, metropolitan region of Salvador. The work has a bibliographic nature and its qualitative research. As a basis for the research, authors such as FREIRE (1996), ARROYO (2007), HADDAD (2000) were approached. From the theoretical discussions on EJA (Youth and Adult Education), curriculum and digital technologies, we sought to analyze the difficulties encountered by teachers in the delivery of remote classes in EJA. The research showed that the challenges, for example, occurred due to teacher training in the technological area and the precariousness of students' access to technological resources. Even with the adversities in the pandemic moment, teachers reinvented themselves to propose methodologies that could serve the EJA public with quality.

Keywords: Covid-19 (Disease) - São Francisco do Conde (BA). Distance learning - São Francisco do Conde (BA). Youth and Adult Education - São Francisco do Conde (BA).

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA	9
2.1 AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGENS NA EJA – ENTENDENDO SEUS ASPECTOS SOCIAIS E PSICOPEDAGÓGICOS	10
2.2 ENTENDENDO A DIFERENÇA ENTRE DISTÚRBIOS DE APRENDIZAGEM E DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM	11
2.3 ANALISANDO AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGENS NA EJA	12
3. ASPECTOS HISTÓRICOS DA EJA NO BRASIL	15
3.1 BALANÇO DA EJA NOS ÚLTIMOS ANOS	19
3.2 CURRÍCULO E EJA	24
3.3 O ENSINO REMOTO NA PANDEMIA	27
3.4 DESAFIOS NO ENSINO REMOTO (NOVAS TECNOLOGIAS)	29
4. METODOLOGIA	33
5. ESTUDO DE CASO (COLÉGIO ESTADUAL EM SÃO FRANCISCO DO CONDE)	34
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho analisa o contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA) nas escolas brasileiras no contexto da pandemia do novo coronavírus (SARS-COV), analisando as dificuldades enfrentadas pelos professores com a criação do ensino remoto emergencial.

A partir desta questão, esta pesquisa tem como objetivo compreender as dificuldades e como estes espaços escolares desenvolveram suas ações para que jovens e adultos pudessem aprender. Sabemos que por muito tempo, os grupos sociais caracterizados por aqueles que não concluíram o estudo, seja por questões socioeconômicas e/ou com dificuldades de aprendizagem não tinham o mesmo direito que outros grupos, implicando assim, na sua completa exclusão social.

Com o surgimento da COVID 19 no mundo, uma doença até então desconhecida, houve profundas modificações na sociedade. A crise sanitária atingiu aspectos sociais, econômicos, educacionais, alterando as relações como um todo. Escolas em todo mundo foram fechadas, crianças, jovens e adultos interromperam seus estudos por vários meses fazendo com que as escolas se readaptassem a uma nova realidade. Com a pandemia em curso os professores também mudaram suas práticas pedagógicas para atender seus estudantes: as novas tecnologias possibilitaram o ensino remoto (aulas online) contribuindo para o andamento das atividades escolares.

É vivenciando este momento histórico que despertou o interesse em analisar a realidade da escola em que atuo, partindo de uma pesquisa sobre aspectos históricos da EJA (Educação de Jovens e Adultos) e o presente momento: o cenário pandêmico.

Diante deste contexto, o presente trabalho analisa a problemática: quais dificuldades os professores da Educação de Jovens e Adultos encontraram para a inserção destes estudantes no ensino remoto?

O referido colégio está situado em São Francisco do Conde – BA, na região metropolitana de Salvador, no recôncavo baiano. Atende um público diversificado desde o ensino regular até a EJA - Eixos VI e VII (Ensino Médio), dividido nos três turnos: matutino, vespertino e noturno. A escolha deste espaço se deve pela sua relevância educacional, pois atende aos jovens do centro da cidade e de alguns distritos, tem uma trajetória de muitos anos na formação dos munícipes sanfranciscanos.

O interesse no projeto de pesquisa sobre a EJA no ensino remoto partiu da minha vivência no estágio de Educação de Jovens e Adultos do curso de Pedagogia da UNILAB. Com a observação das aulas e a regência na turma do Eixo III (Fundamental I) na escola

municipal Frei Eliseu Eismann, situada também no município, tive inquietações sobre como a escola trabalhava a questão da educação de jovens e adultos, tendo em vista que trabalhei com uma turma diversificada.

A partir disso, comecei a observar o meu espaço de trabalho escolar, que também partilha de contextos parecidos com pessoas de idade mais avançadas e jovens que por diversos motivos interromperam seus estudos. Esses dois espaços contribuíram para que meu olhar fosse mais atento às dificuldades e desafios que nós professores enfrentamos dia a dia para levar uma educação de qualidade a todos.

De acordo com dados do Portal Educação, o colégio estadual onde ocorre a minha pesquisa trabalha com turmas do ensino médio na modalidade regular e EJA, teve no ano de 2021 matriculados aproximadamente 1.479 alunos.

Inicialmente o trabalho faz uma abordagem sobre a definição da EJA. No capítulo seguinte, abordarei as dificuldades de aprendizagens entre jovens e adultos, analisando a questão social como um dos problemas. A partir destas explicações trago alguns aspectos históricos sobre a educação de jovens em nosso país. Dando seguimento são explicados sobre as noções de Currículo e EJA e por fim analiso os reflexos da pandemia sobre a educação com foco no ensino remoto. No último capítulo são analisados os resultados do questionário feito com os docentes e coordenação pedagógica do colégio pesquisado.

2 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA

Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) em seu artigo 37º define a Educação de Jovens e Adultos (EJA) como uma modalidade de ensino que atende pessoas que não tiveram acesso ou deram continuidade aos estudos no tempo regular. O documento sinaliza que os sistemas de ensino devem ofertar gratuitamente a educação a partir do contexto de cada indivíduo, trabalho e realidade.

Nota-se que ao ingressar na escola estes jovens e adultos almejam uma vida melhor, por isso o processo de escolarização é tão relevante para sua formação. Ler, escrever e interpretar o que veem são objetivos de todo estudante e no caso da EJA significa a construção de sua cidadania. Cabe ao Estado garantir o acesso e permanência de todos os estudantes na escola.

Esta modalidade de ensino pode ser considerada como um reparo social, pois ao longo da história brasileira a educação privilegiou apenas as camadas ricas, ao passo que, a classe pobre e negra, por exemplo, foram negados vários direitos.

A Constituição Federal de 1988 ao tratar sobre a gratuidade da EJA como um direito a todos e o enfrentamento ao analfabetismo trouxe para o debate questões que por muito tempo foi palco de lutas dos movimentos sociais. Possibilitar acesso e permanência destes estudantes garantirá uma formação mais digna a todos.

De acordo com Souza o mundo do trabalho atualmente é bastante competitivo:

Sabemos que o mundo está em constante evolução e cada vez mais globalizado e tecnológico e para que as pessoas possam estar preparadas para ingressar no mundo do trabalho tem que ter, no mínimo, a formação básica comum a todos. Os que não possuem essa formação vão ficando para trás e gradativamente se distanciando mais de ocupar cargos desejados, e devido a isso a educação de jovens e adultos se torna tão importante para trazer a autonomia e cidadania a esse público. (SOUZA, 2021, p. 16)

A sociedade exige cada vez mais que o trabalhador esteja atualizado e nesse sentido a escola deve preparar estas pessoas para sua formação humana e também para o mercado de trabalho. Portanto, as metodologias empregadas pelo professor na EJA devem contemplar as questões do cotidiano do educando, ou seja, visa relacionar os saberes necessários para suas necessidades.

2.1 AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGENS NA EJA – ENTENDENDO SEUS ASPECTOS SOCIAIS E PSICOPEDAGÓGICOS

Santos (2015) explica que para entender as dificuldades de aprendizagem do indivíduo que estuda na modalidade da EJA, deve-se analisar o seu contexto emocional, social e educativo. Só assim podemos traçar um diagnóstico do estudante e propor formas de sua inclusão no espaço escolar, a fim de compreender o contexto social em que estão inseridos jovens e adultos. A partir desta questão surgem algumas correntes de pensamento que analisam quais dificuldades estes sujeitos vivenciam.

Foi com esse objetivo que surge a *Andragogia*¹. Nesta perspectiva da teoria da Andragogia, na década de 1970 se discute por um viés mais humanizado, enfatizando como uma ciência que estuda a educação de adultos. Conforme cita a autora “a Andragogia busca compreender o adulto considerando os aspectos psicológicos, biológicos e sociais tendo alguns pressupostos semelhantes aos de modelos pedagógicos transformadores”. (SANTOS, 2015, p. 03)

Como sabemos a aprendizagem é um processo natural do desenvolvimento humano, que começa na fase do nascimento do bebê desde o primeiro contato com a mãe e que passa por vários estágios até o seu envelhecimento. Conforme Vygotski analisa “a aprendizagem adequadamente organizada resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer”. (SANTOS apud VYGOTSKI, 1991, p. 101)

Trazendo as teorias de Vygotski, Jean Piaget e Paulo Freire a autora concebe que a aprendizagem na educação de jovens e adultos deve-se levar em consideração seu contexto cognitivo e o construído socialmente. “O termo Dificuldade de Aprendizagem (DA) surgiu em 1962, proposto por Kirk e tinha como objetivo buscar situar o problema das dificuldades de aprendizagem no contexto educacional devido ao “estigma clínico” que por muitos anos marcaram a história da educação, com foco somente no sujeito, apontando para outros fatores causadores da DA”. (SANTOS, 2015, p. 06)

¹ É uma palavra de origem grega que significa (ensinar para adultos). Este termo foi utilizado pela primeira vez em 1833, pelo alemão Alexander Kapp, mas se popularizou na década de 70 com Malcolm Knowles, educador americano que se tornou referência no tema.

2.2 ENTENDENDO A DIFERENÇA ENTRE DISTÚRBIOS DE APRENDIZAGEM E DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM

Para Santos as dificuldades são processos sociais, psicológicos, estruturais que acontecem na vida de todo indivíduo. Os psicopedagogos definem “que as dificuldades de aprendizagens são aspectos naturais do desenvolvimento humano, com troca de letras ou omissão de palavras”. (2015, p. 14)

Muitos pesquisadores tratam desta temática. Ciasca define que um distúrbio de aprendizagem envolve questões de ordem orgânica que interfere no aprendizado, a partir da disfunção do nosso SNC (Sistema Nervoso Central) que atua como uma parte funcional como leitura, escrita, raciocínio, habilidades matemáticas. (SANTOS apud CIASCA, 2003, p. 27)

Quando essas dificuldades esbarram em outros aspectos como a questão física, social, do ambiente escolar, trabalho, dentre outros elas se tornam reativas, influenciando na aprendizagem. (p. 14) Já em Fernández a relação de aprendizagem emerge das subjetividades dos sujeitos – relação estudante e professor. Ela acaba sendo marcada por uma relação de causa e consequência. (Santos apud Fernández, 2001, p. 15)

Se esta relação de causa e consequência existe, as mudanças precisam ser feitas no âmbito pedagógico. A metodologia do professor, o currículo, a dinâmica em sala, tudo isso precisam ser revistos, pois as possibilidades devem ser das mais variadas para atender as necessidades dos estudantes.

Para Scoz a dificuldade de aprendizagem “ênfatiza os fatores orgânicos, cognitivos, afetivos, sociais e pedagógicos, dentro das articulações sociais que agem frente a uma predisposição momentânea da criança”. (MENDES apud SCOZ, 1994, p. 4)

É preciso distinguir que enquanto as dificuldades de aprendizagens podem ser de cunho social, pedagógico, cognitivos, os distúrbios de aprendizagens vão mais além do que a questão social, ele mexe com nosso sistema orgânico, ao passar do tempo se não for tratado pode atrapalhar o aprendizado do indivíduo. Scoz explica bem sobre estes “dois problemas que apesar de ser parecidos não são iguais, mesmo que por vezes os sintomas os sejam”. (MENDES apud SCOZ, p. 6)

A dificuldade de aprendizagem deve ser analisada sobre determinado aspecto: “É preciso compreendê-los a partir de um enfoque multidimensional, que amalgame fatores orgânicos, cognitivos, afetivos, sociais e pedagógicos, percebidos dentro das articulações sociais”. (MENDES apud SCOZ, 1994, p. 22)

Nesse sentido, a escola precisa atuar tanto na questão psicopedagógica quanto nas metodologias inclusivas frente a esses problemas que são encontrados no espaço escolar. Outro ponto que deve ser levado em consideração é a formação dos professores que precisa de uma atualização em Educação Inclusiva e EJA contribuindo para o bom aprendizado dos estudantes.

Scoz enfatiza que “o modelo tradicional pouco a pouco vai perdendo espaço dando lugar a um modelo de escola nova”. A EJA deve ser pensada num viés mais participativo, com conceitos que atendam a esta modalidade de ensino. (Santos apud Scoz, 1998, p. 15)

Santos explica que para entender a DA há muitos aspectos que precisam de muita atenção por parte do profissional de educação:

Analisar e buscar as causas ou consequências da DA envolve mais do que técnica, é preciso certa medida de razão, conhecimento e emoção para ver no aluno da EJA um ser que perpassa por variadas situações, vivenciais e estruturais. Também é pertinente ao psicopedagogo desvendar os implícitos do não aprender, não com teorias ou métodos prontos, mas com a percepção pela vivência. (2015, p. 15)

Vê-se que a objetividade envolve aspectos como tempo, espaço, lógica, o intelecto ao passo que a subjetividade traz os desejos, aspirações, sonhos. No processo de ensino-aprendizagem esses dois aspectos devem ser olhados com bastante atenção, pois contribuem na formação do sujeito.

Temos que olhar o aluno da EJA como um ser em sua totalidade que tem dificuldades e também habilidades.

2.3 ANALISANDO AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGENS NA EJA

Na EJA as dificuldades de aprendizagem são desde a rotina cotidiana do próprio estudante até as questões de ordem psiquiátrica, social e cultural. Sabe-se que o público desta modalidade de ensino possui idades diferenciadas, com histórias de vida diversas, muitos interromperam os estudos ou começaram tardiamente por questões sociais, econômicas, dentre outras.

Conforme analisam as autoras Santos e Ciasca (1991) os motivos são diversos como a falta de estrutura da escola, problemas familiares, drogas, depressão, deficiências sensoriais, estresse etc. Não podemos deixar de mencionar a falta de motivação dos estudantes com a metodologia dos professores e o currículo que muitas vezes não contemplam a necessidade deste público.

Nesse sentido, o ensino e aprendizagem são fatores que estão interligados, por isso devem ser pensados, organizados de maneira eficaz para todos. Visando que cada dificuldade de aprendizagem requer do professor criar metodologias diferenciadas que possa ajudar o estudante no seu aprendizado. O currículo criado com base na sua realidade deve ser voltado para este público, pois na prática nesta modalidade “a educação oferecida a esses sujeitos está referenciada no currículo elaborado para crianças e adolescentes, o que contraria a sua especificidade estabelecida nas leis que regem a Educação de Jovens e Adultos”. (SANTOS apud SOGLIA, SANTOS, 2010, p. 5)

Percebemos que os estudantes desta modalidade de ensino são tachados como pessoas lentas, preguiçosas, por conta do seu atraso escolar. Por conta das dificuldades de aprendizagens serem complexas, os estereótipos marca seu cotidiano:

“[...] no sentido que o não aprender não configura um quadro permanente, mas ingressa numa constelação peculiar de comportamentos”. Tais definições podem ser confundidas se envoltas em características comportamentais como acontece com os alunos da EJA, considerados preguiçosos, desatentos, sem futuro, etc. (SANTOS apud PAÍN, 1992, p. 28)

E como trabalhar práticas pedagógicas na EJA? Como ensinar jovens e adultos? Há muito que se pensar sobre a temática, rever os conteúdos, metodologia, ensino. Sabemos que na fase infantil usamos a ludicidade como um recurso, mas na EJA esta possibilidade ainda não é trabalhada. A psicopedagogia, por exemplo, é uma área que trabalha com a educação infantil e pode ser também utilizada na EJA com objetivo de contribuir para a aprendizagem dos estudantes. A partir da análise do comportamento do estudante o psicopedagogo pode diagnosticar algum distúrbio ou dificuldade de aprendizagem. Portanto, o trabalho deste profissional é de caráter preventivo.

O professor também tem um papel relevante neste processo e é no convívio em sala que passa a conhecer as dificuldades e habilidades dos estudantes. Com o diagnóstico psicopedagógico o professor pode criar atividades que atendam às necessidades do estudante. A escola como instituição, deve ofertar um ambiente de qualidade para que todos possam aprender e concluir seus estudos. (SANTOS, 2015, p. 14)

A psicopedagogia pode atuar junto com o corpo docente na análise das dificuldades dos estudantes:

Segundo a Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPP) “desde 2002, pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) do Ministério do Trabalho e Emprego

(MTE), a Psicopedagogia foi inserida na Família Ocupacional 2394-25 dos Programadores, Avaliadores e Orientadores de Ensino. (SANTOS, 2015, p. 14)

Isso quer dizer que se divide a atuação pelo caráter de formação de cada profissional: “o professor pode pontuar situações problemáticas para a aprendizagem, mas cabe ao psicopedagogo fazer o diagnóstico por meio da Anamnese ou promover intervenções em caso de Dificuldades de Aprendizagem”. (SANTOS, 2015, p. 14)

As práticas pedagógicas na EJA devem atender as dificuldades existentes, isso requer avaliar o currículo, as metodologias, o ensino. O estudante é um sujeito social e cabe à escola compreender suas realidades:

É preciso reconhecer a pessoa que busca na EJA as condições para alcançar o conhecimento como alguém que geralmente está à margem social e do mundo do trabalho. Por isso, precisa de atenção diferenciada dos professores já que é um público heterogêneo em idade, mas com expectativas diferenciadas. (SANTOS, 2015, p. 9)

Os motivos que os levam a voltar estudar são baseados na sua escolarização plena. Esses estudantes buscam aprender para se inserir no mercado de trabalho, para se escolarizar e conquistar sua cidadania. Portanto, o ensino para este público parte de uma visão mais flexível que englobe suas experiências, forme para atuar no mercado de trabalho e contribua para o seu aprendizado.

3 ASPECTOS HISTÓRICOS DA EJA NO BRASIL

O histórico da Educação de Jovens e Adultos pode ser pensado desde a formação do nosso país. Segundo Haddad (2000) os percursos pedagógicos no Brasil datam desde a chegada dos portugueses tendo ao longo do caminho algumas interrupções. A partir da segunda metade do século XX, teremos uma intensificação do pensamento pedagógico e das políticas públicas voltadas para jovens e adultos.

No primeiro momento da colonização brasileira notamos a presença dos jesuítas como missões educativas em grande parte com os adultos. Eles difundiam o evangelho, normas de comportamento para a manutenção da colônia, voltada primeiro para os indígenas e escravos. Com a expulsão dos jesuítas em 1759, houve uma desorganização no ensino o que acarretou alguns retrocessos, depois com o Império voltamos a encontrar informações sobre ações educativas no campo dos adultos. (HADDAD, 2000, p. 109)

A Primeira República foi marcada por uma série de reformas educacionais, mas que não tinham efeito prático na educação de uma forma em geral. A partir de 1920 podemos notar uma mudança com a reivindicação dos educadores e das camadas pela criação de escolas, mas com relação à Educação de Jovens e Adultos ainda não era ofertado pelo governo. (HADDAD, 2000, p. 109)

No governo de Getúlio Vargas (1930) haverá uma reformulação no papel do Estado brasileiro. Com a constituição de 1934 se estabelece algumas mudanças distribuindo as competências de cada esfera (Estado, município, União). Fica claro que o Estado tem o dever de garantir educação, por isso uma série de medidas para se cobrar a responsabilidade pelo desenvolvimento deste setor.

Somente a partir do final de 1940 que houve uma preocupação com a educação de adultos, pois passou a ser um problema de política nacional:

O Estado brasileiro, a partir de 1940, aumentou suas atribuições e responsabilidades em relação à educação de adolescentes e adultos. Após uma atuação fragmentária, localizada e ineficaz durante todo o período colonial, Império e Primeira República, ganhou corpo uma política nacional, com verbas vinculadas e atuação estratégica em todo o território nacional. (HADDAD, 2000, p. 111)

De certa forma os esforços empreendidos nas décadas de 1940 e 1950 puderam reduzir um pouco a taxa de analfabetismo, mas comparado a outros países de primeiro mundo e de vizinhos o Brasil ainda se encontrava muito atrasado.

Com o golpe militar de 1964 algumas das mobilizações em favor da educação foram desfeitas assim como O Plano Nacional de Educação criado décadas atrás. Lideranças estudantis, professores e outros grupos foram perseguidos e mortos pelos militares. O objetivo do golpe era justamente cercear os direitos básicos:

A repressão foi a resposta do Estado autoritário à atuação daqueles programas de educação de adultos cujas ações de natureza política contrariavam os interesses impostos pelo golpe militar. A ruptura política ocorrida com o movimento de 64 tentou acabar com as práticas educativas que auxiliavam na explicitação dos interesses populares. O Estado exercia sua função de coerção, com fins de garantir a “normalização” das relações sociais. (HADDAD, 2000, p. 113)

No lugar de políticas educacionais para todos o Estado criou mecanismos para controlar a população, a ideia era ter apoio da massa mesmo que essa não tivesse dispondo de direitos. Na prática “este setor da educação – a escolarização básica de jovens e adultos – não poderia ser abandonado por parte do aparelho do Estado, uma vez que tinha nele um dos canais mais importantes de mediação com a sociedade”. (p. 114)

Nesse sentido, foi criado o MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização) em 15 de dezembro de 1967 pela Lei nº 5.379. Ele tinha como objetivo dá respostas aos marginalizados e também ao governo militar, aos poucos este movimento vai se distanciando dos conceitos pedagógicos para ser puramente técnico. Ele possuía três características básicas: era um modelo que dependia de verbas orçamentarias, sua organização de operacionalização era descentralizada, ao passo que sua direção tinha um poder central. Com o slogan de “acabar com o analfabetismo em 10 anos”, o MOBREAL fazia duras críticas ao analfabetismo brasileiro. (HADDAD, 2000, p. 116)

De acordo com Haddad esse movimento criado no período militar servia mais como meio para controlar a população:

Chegou imposto, sem a participação dos educadores e de grande parte da sociedade. As argumentações de caráter pedagógico não se faziam necessárias. Havia dinheiro, controle dos meios de comunicação, silêncio nas oposições, intensa campanha de mídia. Foi o período de intenso crescimento do MOBREAL. (HADDAD, 2000, p. 16)

Apesar das atribuições desse movimento o analfabetismo continuou sendo um grande problema social em nosso país. Nesse momento também surgiu outro modelo de ensino a quem os militares prometeram acabar com o abismo social. Denominada de Supletivo tinha características: “o Ensino Supletivo foi apresentado à sociedade como um projeto de escola do

futuro e elemento de um sistema educacional compatível com a modernização socioeconômica observada no país nos anos 70”. (HADDAD, 2000, p. 117)

O Supletivo visava a uma formação rápida com objetivo de empregar o indivíduo para o mercado de trabalho ou para se atualizar:

O Ensino Supletivo se propunha priorizar soluções técnicas, deslocando-se do enfrentamento do problema político da exclusão do sistema escolar de grande parte da sociedade. Propunha-se realizar uma oferta de escolarização neutra, que a todos serviria. (HADDAD, 2000, p. 117)

O Ensino Supletivo era uma continuação do mesmo sistema e direcionava o estudante jovem e adulto para uma base mais técnica, ou seja, “formando uma mão-de-obra que contribuísse no esforço para o desenvolvimento nacional, através de um novo modelo de escola”. (p. 117)

O sentido da educação no período militar serviu como mecanismo de manutenção do regime. Nota-se que com a tomada do poder pelos militares os movimentos criados anteriormente na educação foram duramente reprimidos e extinguidos. A partir disso, outros movimentos educacionais foram criados, e para acompanhar este novo processo de desenvolvimento do país era imprescindível ter as camadas populares submissas. Conforme analisado pelo autor “com o MOBRAL e o Ensino Supletivo, os militares buscaram reconstruir, através da educação, sua mediação com os setores populares”. (p. 118)

Com a redemocratização do país a partir de 1985 políticas que foram construídas ao longo dos vinte anos de ditadura foram extintas como o MOBRAL “cuja imagem pública ficara profundamente identificada com a ideologia e as práticas do regime autoritário”. Por conta da visão estigmatizante que o MOBRAL representou na época “como uma educação domesticadora e de baixa qualidade”, não cabia no atual momento da Nova República um modelo tão repressivo. Em seu lugar, surgiu a Fundação Nacional para a Educação de Jovens e Adultos (Educar), que apesar de ser novo trouxe um aparato do antigo MOBRAL com funcionários, estrutura burocrática e práticas políticas pedagógicas. Mesmo com este resquício do antigo modelo houve modificações na sua política pedagógica e de gestão descentralizando suas atividades. (HADDAD, p. 120)

O país volta a traçar novas perspectivas no campo da educação de jovens e adultos:

De fato, com o processo de redemocratização política do país, a reorganização partidária, a promoção de eleições diretas nos níveis subnacionais de governo e a liberdade de expressão e organização dos movimentos sociais urbanos e rurais

alargaram o campo para a experimentação e a inovação pedagógica na educação de jovens e adultos. (2000, p. 121)

Com a retomada do movimento em prol de uma educação para todos, esse processo acabou influenciando um dos documentos mais relevantes no momento: a Constituição Federal. Na Assembleia Nacional Constituinte ficou estabelecida “direito universal ao ensino fundamental público e gratuito, independentemente de idade, consagrado no Artigo 208 da Constituição de 1988”. O objetivo central deste documento é acabar com o analfabetismo garantindo direitos ao cidadão brasileiro: “o estabelecimento deste documento determina o papel do Estado na garantia do acesso ao ensino fundamental para todos e a erradicação do analfabetismo nos próximos anos”. (HADDAD, 2000, p. 121)

O período que compreende de 1988 e a década de 1990 foi marcado por avanços e retrocessos no que diz respeito a educação de jovens e adultos. Mesmo com a criação dos documentos legais como a Constituição Federal e a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) em 1996 na prática houve uma relativização dos direitos, políticas para a educação de jovens. De acordo com Haddad a criação do FUNDEF (Fundo de Desenvolvimento do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério) trouxe impactos na distribuição dos recursos para as modalidades básicas de ensino, especificamente, a de educação de jovens e adultos: “com a aprovação da Lei 9.424, o ensino de jovens e adultos passou a concorrer com a educação infantil no âmbito municipal e com o ensino médio no âmbito estadual pelos recursos públicos não capturados pelo FUNDEF”. (HADDAD, 2000, p. 123)

Nas últimas décadas do século podemos notar que a ensino de jovens e adultos passaram por muitos desafios seja na criação de políticas até a sua efetivação. Com relação ao índice de analfabetos absolutos na década de 1990 ela teve um declínio, chegando próximo de 15% dos jovens e adultos. Mesmo com esses dados a condição de estudantes que entraram na escola e não concluíram também se constituía como um grande problema social.

De acordo com dados o que caracteriza um cidadão alfabetizado seria o tempo de estudos concluídos:

Pesquisa recente mostrou que são necessários mais de quatro anos de escolarização bem-sucedida para que um cidadão adquira as habilidades e competências cognitivas que caracterizam um sujeito plenamente alfabetizado diante das exigências da sociedade contemporânea, o que coloca na categoria de analfabetos funcionais aproximadamente a metade da população jovem e adulta brasileira. (HADDAD, 2000, p. 126)

Esta análise mostra que a educação deve ser expandida não só para aqueles que nunca frequentaram a escola como deve atender aos indivíduos que interromperam seus estudos. A partir desta constatação deve-se pensar num modelo de educação que atenda aos indivíduos ao passo que outros direitos também possam ser existir como emprego, moradia, saúde etc.

No século XXI vemos que o perfil dos estudantes desta modalidade de ensino tem se diferenciado bastante das décadas anteriores. Fazendo uma breve síntese de início a maioria dos estudantes eram pessoas maduras e idosas, origem rural sem oportunidades escolares. Com o passar do tempo esta realidade fora se modificando, já nas décadas de 1980 começa a ter um público mais jovem que muitas vezes não conseguiam continuar no ciclo regular. Esses eram chamados de indisciplinados ou repetentes, vinham de uma origem mais urbana e que na sua trajetória já estava estigmatizada por conta do seu histórico. Portanto, a realidade da escola acaba se configurando em dois pólos: os que veem na escola uma porta, a oportunidade de aprender e integrar-se socialmente; o segundo vê a escola como uma relação de tensão e conflito ocorridos no passado. (HADDAD, 2000, p. 127)

A escola acaba trazendo esta heterogeneidade no seu espaço e os desafios são imensos. Por isso, ao pensar num currículo para jovens e adultos devemos analisar a trajetória histórica desses indivíduos, acolher suas perspectivas, compreender suas diferenças.

3.1 BALANÇO DA EJA NOS ÚLTIMOS ANOS

Arroyo (2007) faz um balanço sobre a trajetória de jovens e adultos populares nos últimos anos no Brasil. Segundo este renomado educador o que vem marcando a vida desses indivíduos são os aspectos “demarcado, segregado e estigmatizado com quem vivem estes sujeitos”. Os jovens e adultos não estão sendo integrados aos espaços educativos e sociais próprios para a sua juventude. Alguns aspectos são levantados:

Ao contrário, penso que o que está acontecendo é que as velhas dicotomias, as velhas polaridades da nossa sociedade (e um dos pólos é o setor popular, os trabalhadores, e agora nem sequer trabalhadores) não estão se aproximando de uma configuração mais igualitária, ao contrário, estamos em tempos em que as velhas polaridades se distanciam e se configuram, cada vez mais, com marcas e traços mais específicos, mais diferentes, mais próprios. Mais distantes. A juventude popular esta cada vez mais vulnerável, sem horizontes, em limitadas alternativas de liberdade. (2007, p. 06)

Nesse sentido, o jovem popular diante das dificuldades vivenciadas em seu cotidiano acaba sendo excluído dos espaços de poder na sociedade. Logo, como podemos inseri-los na

sociedade? Qual projeto educativo pode ser criado para este público? Segundo Arroyo “a EJA tem que ser uma modalidade de educação para sujeitos concretos, em contextos concretos, com histórias concretas, com configurações concretas. Sendo que qualquer tentativa de diluí-los em categorias muito amplas os desfigura”. (ARROYO, 2007, p. 07)

A EJA enquanto uma modalidade de ensino que atende as camadas populares que por diversos motivos tiveram seus sonhos interrompidos de estudar, não pode ser diluído em políticas generalistas. Ela se configura como uma política afirmativa. Ao analisar o perfil do estudante devemos pesquisar a quem ele mais se aproxima no seu cotidiano: seria das camadas médias ou pobres da sociedade? A partir desta questão Arroyo define que seria o primeiro passo para se entender essa configuração de ser povo, que trabalha ou não, de camada pobre para então criar um currículo que contemple as identidades destes estudantes. (ARROYO, 2007, p. 07)

Entender seu mundo é o primeiro passo. A questão do desemprego tem um reflexo relevante no seu cotidiano, segundo o autor nos noticiários é comum aparecer matérias sobre o aumento do emprego, porém, o que não é mostrado é que tipos de emprego são criados: o emprego informal. Para este modelo existe um aumento significativo e podemos notar que parte destes estudantes da EJA estão inseridos na informalidade.

Arroyo analisa a condição informal como uma sobrevivência:

Esses jovens e adultos não estão se incorporando no trabalho formal, por que não há oferta de trabalho formal. Ao contrário, eles têm que sobreviver do trabalho informal. O horizonte para eles, inclusive ao terminarem alguma fase da educação básica, seja o que chamam de quarta série, de oitava série, ou até a educação média, talvez seja o trabalho informal, o sub-emprego, a sobrevivência mais imediata. (2007, p. 08)

Para os jovens e adultos este tipo de emprego trás um clima de insegurança, pois não tem garantias futuras. E o que resta para esses indivíduos? Como então sonhar num amanhã sem perspectivas no agora?

Qual a visão de futuro destes jovens?

Nesse modelo de trabalho não formal, de trabalho informal, onde a maior parte dos jovens e adultos que estudam na EJA estão, essa esperança se perde. Não se vive da esperança de um futuro, tem que se viver é dando um jeito no presente. O presente passa a ser mais importante do que o futuro. Isso traz consequências muito sérias para a educação, porque a educação sempre se vinculou a um projeto de futuro. Inclusive, penso que esses mesmos jovens que acodem a EJA ainda sonham que através da educação terão outro futuro. (ARROYO, 2007, p. 08)

Mas do que pensar no futuro precisamos preparar estes estudantes também no presente, dando condições dignas de cidadania. A realidade vivenciada por eles acaba atrelada ao subemprego, a condições mais vulneráveis de sobrevivência. O futuro seria então uma incerteza.

A partir das diversas experiências, histórias de vida, como criar um currículo que atenda aos níveis de vulnerabilidade social? Os atuais currículos tanto da educação básica e dos demais ensinam para um emprego formal, deixando de lado outras questões como a instabilidade que pode aparecer e se prolongar. Nesse sentido, o autor defende que a escola precisa preparar o estudante tanto para uma vaga universitária quanto para um emprego que pode ser também informal. Esse olhar deve ser atento às demandas sociais.

O currículo pode ser reinventado com base num questionamento:

Não se trata de não ter currículos. Não se trata de não ter conhecimento. Não se trata de negar o conhecimento, mas que conhecimento? É preciso muito conhecimento para sobreviver nessa vulnerabilidade, tanto mais do que para sobreviver na segurança do trabalho. Não obstante, ainda, não inventamos currículos e conhecimentos e capacidades, saberes para essa vulnerabilidade, para esse trabalho informal (...). Tentar encontrar conhecimentos, saberes, competências, que qualifiquem para uma situação que se torna permanente e permanentemente vulnerável e insegura, mas que nem por isso dispensa saberes, conhecimentos e qualificação. Essa seria, ao meu ver, uma das primeiras questões a serem trabalhadas. (ARROYO, 2007, p. 10):

Portanto, o currículo abrange as diversas contradições no espaço social, principalmente o mundo do trabalho. Ele também pode expressar uma mudança no modo de vida destes sujeitos, focando nas experiências advindas dessas instabilidades.

Currículos que os capacitem para ter mais opções nessas formas de trabalho e para se emancipar da instabilidade a que a sociedade os condena. Conhecimentos e capacidades que os fortaleçam como coletivos que os tornem menos vulneráveis, nas relações de poder. O movimento operário buscou fortalecer os trabalhadores com saberes, consciência, poder. (ARROYO, 2007, p. 11)

Nota-se que é muito comum ao trabalhar sobre o tema “currículo e EJA” relacionar no currículo a preparação para o mercado de trabalho, resistência e enfrentamento as desigualdades. Na prática a realidade é bastante diferente, pois pouco se fala sobre trabalho.

A partir desta constatação podemos tratar nos currículos questões da realidade do mundo do trabalho, que no nosso cotidiano são diversas. Arroyo defende um currículo da EJA diversificado:

Não proponho que se ignore o trabalho nos currículos da EJA. A proposta é de que aprendamos com o próprio movimento operário internacional a centralidade de conhecer os mundos do trabalho. Ser competente para entendê-los e para enfrentá-los e não simplesmente para se integrar e se acomodar. O problema é que não temos nem o direito de escolher entre essas propostas diferentes. As formas concretas de inserção dos jovens-adultos populares tem de ser o ponto de partida para nossas escolhas. (2007, p. 11)

O currículo tem o papel de conscientizar o indivíduo sobre as suas capacidades, direitos e ter uma visão mais crítica sobre sua realidade. Os jovens e adultos retornam para a escola depois de tantas dificuldades e tem objetivos de sair da condição muitas vezes precarizadas. A escola deve mostrar caminhos reais para todos os estudantes.

Alinhar o tempo de estudo na EJA requer pensar como devem ser divididas as aulas. O tempo de aula deve ser compatível com a realidade de cada local. Outra questão é mapear a ocupação de cada um deles, se trabalham ou não, se estão no mercado informal.

A partir daí criar grupos que trabalhem a mesma perspectiva:

Uma vez feito esse mapeamento, tentar criar grupos próximos de trabalho. Se há alunas que trabalhavam na área de salão de beleza, manicure, estética, porque não formar um grupo de identidades de trabalho? Não de identidades de ano onde pararam, mas de trabalho. Ou se há bombeiros, ou marceneiros, ou donas de casas, cozinheiras, se formavam grupos. A ideia é que esses grupos saiam mais qualificados para esses trabalhos. (2007, p. 12)

O autor destaca que é relevante neste percurso alinhar os conhecimentos da educação básica e do cotidiano dos estudantes. A escola muitas vezes reproduz um modelo tradicional que acaba afastando o estudante do convívio escolar: “muitas propostas progressistas de trabalhar pedagogicamente os currículos terminam por perder-se quando caem em estruturas rígidas de tempos, segmentos, carga horária, segmentação por disciplina e por mestres licenciados”. (2007, p. 14)

Outro ponto destacado pelo é a questão da violência, a que ocorre na sociedade. Elas adentram também os espaços escolares, nos últimos tempos muitos definem que os jovens são violentos, agressivos. Há uma visão estigmatizada sobre o perfil desses jovens e adultos pobres.

A escola também reproduz algumas concepções encontradas na própria sociedade:

A violência passou a ser uma nova categoria segregadora, classificatória. E o que ela traz de novo? A violência traz de novo para as escolas uma outra divisão. A escola sempre trabalhou com categorias, sempre separou. O que as violências estão trazendo de novo é que se trata de um referencial ético, não de um referencial cognitivo. Violento não é aquele que tem problemas de aprendizagem, mas que tem problemas de conduta, de valores. Essa categoria que estava distante da escola, a

categoria moral, para classificar as pessoas e os alunos, está entrando de cheio, agora. (ARROYO, 2007, p. 15):

O jovem e adulto sofrem duplamente: por estarem estudando tardiamente e por fazer parte de contextos de violência. Como mostra Arroyo antes as escolas colocavam na EJA pessoas com dificuldades de aprendizagens, hoje a situação pode ser vista por outra forma: os estudantes considerados indisciplinados são postos nesta modalidade. Essa prática estigmatiza a Educação de Jovens e Adultos como uma educação recuperativa, sem muitas perspectivas. (2007, p. 15)

Precisamos trabalhar com esses estudantes a partir de outro olhar, sabemos que a questão ética acaba sendo desvalorizada nos espaços escolares violentos. Mas enquanto educadores devemos buscar ensinar de forma mais humana acolhendo suas dificuldades e perspectivas. Isso se assemelha a questão dos movimentos sociais que tratam num viés coletivo, lutando pelos direitos pelas minorias.

A EJA poderia ser comparada aos movimentos sociais:

Reconhecer os jovens e adultos como membros de coletivos seria um horizonte muito interessante para a EJA. Superar a ideia de que trabalhamos com percursos individuais, para tentar mapear que coletivos frequentam a EJA. O coletivo negro, o coletivo mais pobre, o coletivo de trabalhadores, o coletivo dos sem-trabalho, o coletivo das mulheres. Que coletivos são esses? É muito diferente pensar um currículo para indivíduos, para corrigir percursos tortuosos individuais, do que pensar em um currículo para coletivos. (ARROYO, 2007, p. 15)

Pensar em um coletivo seria interessante para fortalecer suas identidades e entender essas particularidades. A questão da diversidade é outro ponto destacado pelo educador onde podemos abordá-la como parte do indivíduo e como a sociedade tende a reproduzir desigualdades. Deve-se refletir sobre os projetos da EJA para que eles possam reconhecer respeitar e incorporar o tema da diversidade nos seus currículos. (p. 15)

Por fim, devemos destacar o papel dos jovens na sociedade. Quem são eles? Como vivem? Entender sua origem pode contribuir para a criação de ações educativas. A partir disso, estabelecer projetos sociais e educativos que possam ter os jovens como protagonistas nas suas comunidades. Conforme menciona Arroyo ao tratar das questões dos direitos dos jovens e adultos aproximamos dos objetivos tão defendidos pelos movimentos sociais que “é a transformação social, a libertação social e a emancipação”. (p. 15)

3.2 CURRÍCULO E EJA

Lopes e Macedo (2011) analisam que o currículo passa por várias formulações de acordo com o interesse da época. Há uma organização, seleção e planejamento dos conteúdos que serão abordados pelo professor, bem como das aprendizagens envolvidas. Ao longo da história podemos notar que houve muitas transformações oriundas das correntes vigentes na época influenciando a educação de uma forma geral.

Dois momentos históricos foram relevantes para a ideia do currículo e escolarização: a industrialização americana a partir de 1900 e o movimento da Escola Nova no Brasil nos anos de 1920. Segundo as autoras, “com o processo de industrialização a escola ganha novas responsabilidades: ela precisa voltar-se para a resolução dos problemas sociais gerados pelas mudanças econômicas da sociedade”. (2011, p.21) Independentemente de estar alinhada com este processo a escola em si deveria ensinar conteúdos úteis aos estudantes. Mas o que ensinar para os estudantes? Como ensinar? Essas são questões levantadas pelas autoras.

A partir dessa demanda algumas teorias curriculares vão surgir com o objetivo de definir as práticas educativas. Dois movimentos surgidos nos Estados Unidos tiveram influências marcantes como o eficientismo social e o progressivismo. No primeiro movimento, a noção de eficácia, eficiência e economia estavam atreladas a questão da industrialização, visto que nos Estados Unidos o progresso se dava por conta da economia. O comportamentalismo, vindo da psicologia, e o taylorismo, modelo administrativo acabaram influenciando outros espaços, como por exemplo, a escola, que deve atender a máxima eficiência. Os estudantes deveriam seguir os princípios da sociedade industrial que ali então surgia. Portanto, podemos observar que “a escola e currículo, são importantes instrumentos de controle social”. (2011, p. 22)

Bobitt defendia que o currículo tinha a função de preparar o estudante para uma vida economicamente ativa por meio de atividades a quem ele define como currículo direto e experiências indiretas. Nesse sentido, o formulador do currículo deve a partir das grandes áreas da atividade humana, subdividi-la em atividades menores. Não há nesse modelo dos eficientistas uma preocupação com os conteúdos abordados, “as tarefas ou os objetivos são centrais e podem, posteriormente, ser agrupadas dentro das disciplinas que neste momento, já compõem os currículos”. (2011, p. 22)

Divergindo com a Corrente Eficientista, o Progressivismo tem como pensamento “a educação como um meio de diminuir as desigualdades sociais oriundas da industrialização e tem como objetivo a construção de uma sociedade harmônica e democrática”. Os precursores

desta corrente acreditam que a sociedade desigual é fruto de uma construção, ou seja, produto da ação humana. Para acabar com esta questão a educação seria um meio para atuar contra essas contradições. (2011, p. 23)

John Dewey é um dos nomes conhecidos do progressivismo, com fundamento na inteligência social e mudança. Suas ideias de currículo são voltadas para a experiência direta da criança e seu cotidiano, por conta disso, o “progressivismo se constitui como uma teoria curricular única que encara a aprendizagem como um processo contínuo e não como uma preparação para a vida adulta”. (2011, p. 23)

Segundo Lopes e Macedo “o foco central do currículo para Dewey está na resolução dos problemas sociais”. Com base nesta afirmação elas continuam explorando suas ideias:

O ambiente escolar é organizado de modo a que a criança se depare com uma série de problemas, também presentes na sociedade, criando oportunidade para ela agir de forma democrática e cooperativa. As atividades curriculares e os problemas são apresentados às crianças para que elas, em um mesmo processo, adquiram habilidades e estimulem sua criatividade. (LOPES, MACEDO, 2011, p. 23)

O foco das ideias de Dewey teve como objeto central a criança e seu espaço social, por conta desta argumentação sua teoria foi inovadora e acabou ganhando força nos currículos escolares. Aqui no Brasil as ideias influenciaram os teóricos da Escola Nova como Aníziu Teixeira (Bahia) em 1925 e Fernando de Azevedo (distrito Federal) em 1927. (2011, p. 25)

As críticas a um modelo de currículo tecnicista irão aprofundar os debates em torno do papel da escola sobre as aprendizagens dos estudantes. Críticas vão surgir por conta do contexto social da época, “em fins dos anos de 1960, o mundo explode numa série de questionamentos ao status quo.” Tanto na Europa quanto nos Estados Unidos surgiram movimentos de contracultura que debateram os padrões impostos pela classe dominante. No Brasil ganham força na década de 1970, época da ditadura militar. (2011, p. 33)

O currículo com ênfase no sujeito será abordado pelo educador Paulo Freire. Ele é considerado como uma importante influência para o estudo da realidade do sujeito:

Na Pedagogia do Oprimido, seu principal livro, datado de 1970, Freire parte da contraposição clássica do marxismo entre opressores e oprimidos para analisar a educação como bancária e antidialógica em raciocínio o aproxima dos teóricos da reprodução. Propõe uma pedagogia baseada no diálogo e, nesse sentido, vai além da análise das formas de funcionamento da ideologia e da hegemonia, defendendo a possibilidade de a educação se contrapor à reprodução. Para tanto, é preciso repensá-la para além da transmissão hierárquica e organizada de conhecimentos: como interação entre sujeitos que se dá no mundo. (LOPES, MACEDO, 2011, p. 34)

Em Freire suas obras tratam de uma abordagem mais humanizadora, questionadora dos conteúdos tradicionais. Todos os conteúdos devem fazer parte da realidade do próprio sujeito a quem se destina a aprendizagem.

Ao falar sobre currículo e EJA, por exemplo, não podemos esquecer o papel do educador Paulo Freire para a educação brasileira. Suas ideias foram relevantes para uma educação mais humanizada, que valoriza os saberes dos estudantes, ao passo que propõe métodos inovadores na formação dos professores.

Em “Pedagogia da Autonomia”, Paulo Freire (1996) aborda o papel do professor no desenvolvimento do ser humano: o ato de ensinar exige uma série de recursos que precisam ser revisados cotidianamente através das suas práticas pedagógicas.

Segundo Freire não existe docente sem discente e vice-versa. Essa relação é marcada por uma estreita troca de saberes:

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém. Por isso é que, do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivo relativo. Verbo que pede um objeto direto – alguma coisa – e um objeto indireto – a alguém. (FREIRE, 1996, p. 13)

Como mostra o educador, socialmente fomos descobrindo o poder de ensinar. Por meio da história os seres humanos usaram seus recursos para encontrar caminhos e métodos para produzir seus conhecimentos. Ao fazê-lo, automaticamente, aprendemos.

Uma crítica feita por Freire diz respeito sobre o conhecimento tradicional a quem ele chama de “bancário”, onde são depositados conteúdo sem uma reflexão dos mesmos.

Por meio desta crítica ele define que ensinar exige uma rigorosidade metódica:

Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis. E esta rigorosidade metódica não tem nada que ver com o discurso “bancário” meramente transferidor do perfil do objeto ou do conteúdo. (FREIRE, 1996, p. 14)

Este conhecimento quando produzido não se acaba por si mesmo, logo, “alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível”. (p. 14) E neste percurso Freire fala sobre a relevância de educadores e educandos que são curiosos, persistentes, criativos no fazer educativo. Esta inquietação seria uma forma de movimentação dos saberes, a busca de novos horizontes, de novos aprendizados.

O ato de ensinar exige o respeito a realidade do educando. A escola e o educador devem respeitar os saberes de seus educandos, para que com esta ação possa alinhar questões da sua realidade no conteúdo escolar. A partir de uma realidade concreta conscientizar sobre sua condição social.

No seu cotidiano o educador deve refletir sempre sobre sua prática. Será que estou abordando os conteúdos de maneira correta? Minhas práticas estão influenciando significativamente o aprendizado dos meus educandos? Com base nisto Freire defende que a reflexão sempre é o melhor caminho:

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. O seu “distanciamento” epistemológico da prática enquanto objeto de sua análise, deve dela “aproximá-lo” ao máximo. Quanto melhor faça esta operação tanto mais inteligência ganha da prática em análise e maior comunicabilidade exerce em torno da superação da ingenuidade pela rigorosidade. (FREIRE, 1996, p. 21)

Ao analisar o que podemos ensinar para o público de jovens e adultos devemos criar um currículo que tragam suas realidades vivenciadas: social, econômica, racial, de gênero, sexual.

3.3 O ENSINO REMOTO NA PANDEMIA

Com o surgimento da pandemia do novo Corona Vírus (COVID 19) no mundo, as escolas tiveram que interromper seu ensino presencial. Nesse sentido, os países precisaram adotar medidas para conter a disseminação do vírus, aqui no Brasil o governo decretou a interrupção das aulas e as escolas foram fechadas. A partir desta situação a escola, os professores e estudantes tiveram que se adaptar a uma nova realidade que se instalava mundo afora.

O ensino remoto emergencial foi necessário neste momento onde os estudantes não podiam ter contato direto em sala de aula. De acordo com Souza (2021) esta proposta trouxe muitos desafios tanto para a comunidade escolar quanto para os estudantes. Neste momento de incertezas o objetivo das aulas online era levar o conhecimento para todos de forma que este público não tivesse sua aprendizagem atrasada.

Diante deste contexto as escolas modificaram suas metodologias, os professores precisaram elaborar aulas utilizando recursos tecnológicos. O ensino remoto emergencial

apesar de ter características de uma Educação a Distância (EAD) não se configura como uma modalidade de ensino.

A Educação a Distância pode ser definida como:

O conceito atual e oficial está presente no Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017: caracteriza-se a Educação a Distância como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos. (SOUZA, 2021, p. 18)

Na análise da autora o que diferencia a Educação a Distância é sua padronização, ou seja, nesta modalidade as aulas são gravadas e os estudantes podem assistir a qualquer momento e lugar. Existe um padrão onde as aulas são montadas e passadas no formato de módulos, vídeos e atividades prontas. Já no ensino remoto emergencial as aulas são feitas em tempo real (on-line), o estudante e o professor podem trocar informações, o professor pode elaborar seu plano de aula com base na realidade de cada turma.

No ensino remoto as aulas são em tempo real (síncrono) onde a relação professor e estudante se dá no horário estabelecido por cada disciplina, assim como é no modelo presencial. Ele também pode ocorrer no formato assíncrono com atividades enviadas para os estudantes previamente para complementação dos conteúdos. O objetivo deste novo formato visa a inclusão dos estudantes:

As horas das aulas remotas são contabilizadas como carga horaria letiva e o principal objetivo da inclusão dessa saída emergencial é evitar que esses alunos tenham sua aprendizagem prejudicada devido a ausência das aulas presenciais regulares nas escolas, para isso se faz necessário a participação ativa desses alunos nas aulas. (SOUZA, 2021, p. 22)

O ensino remoto emergencial pôde contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem de crianças, jovens e adultos neste momento. A partir desta nova realidade que foi imposta pela pandemia o ensino teve que se adaptar as novas tecnologias. Vale ressaltar que o processo tecnológico já fazia parte do contexto educacional brasileiro, porém com a adoção neste momento atípico o ensino remoto revelou muitas contradições desde a acessibilidade dos estudantes com os recursos tecnológicos às dificuldades de professores com esta modalidade.

Com a crise econômica intensificada pela pandemia muitos perderam seus empregos, aumentando a quantidade de pessoas na pobreza. Os usos de recursos tecnológicos como

computadores, tablets, notebook, internet e celular acabaram sendo um artigo de luxo para muitos brasileiros, nem todos os estudantes tiveram a oportunidade de aprender no modelo do ensino remoto, o governo não oportunizou mecanismos para que estas pessoas tivessem os recursos técnicos para um ensino de qualidade. Na EJA não seria diferente esta situação, pois muitos são trabalhadores, mães de famílias e jovens que perderam seus empregos na pandemia e se viram sem estrutura econômica para sobreviver.

3.4 DESAFIOS NO ENSINO REMOTO (NOVAS TECNOLOGIAS)

Moreira (2020) analisa que o momento da pandemia trouxe muitas incertezas para nós professores. Fomos surpreendidos com uma nova realidade nos impondo um processo de readaptação. Antes da pandemia as ferramentas digitais não eram empregadas no dia a dia escolar, estávamos acostumados aos métodos tradicionais em sala de aula. Com a introdução do ensino remoto a relação professor e estudante se basearam em um meio virtual interativo.

Já Ribeiro (2021) tece críticas ao cenário da educação brasileira enfatizando que o sistema precário em que estamos inseridos foi intensificado ainda mais na pandemia. Esta precarização advém de várias formas: escolas públicas sem estrutura, a falta de formação dos professores, pouca acessibilidade para os estudantes. Todas estas questões se esbarraram em outra problemática: a educação e tecnologia. A falta de acesso dos estudantes aos recursos tecnológicos nos faz refletir sobre o papel da tecnologia no ensino e aprendizagem atual.

Como analisa a autora “os ciclos da precariedade podem ser definidos como situações precárias que se repetem, mesmo mudando o formato do ensino”. (RIBEIRO, 2021, p.3) Desse modo, as dificuldades que encontrávamos nas aulas presenciais, podem ser verificadas nas aulas on-line:

Mantém-se na precariedade a escola no modo remoto, não-presencial, agora por motivo de força maior, quando não temos recursos, qualificação e equipamentos que deem conta de nossas mais prementes necessidades, tais como, evidentemente, alcançar todos os estudantes matriculados na instituição, por meio de recursos tecnológicos de acesso e posse amplos. (RIBEIRO, 2021, p. 3)

Na pandemia tivemos que mudar rapidamente nossas práticas pedagógicas, não houve logo uma capacitação ou uma estrutura para nos dar suporte. Restou para os professores, gestores e coordenadores buscarem aperfeiçoar-se para levar um ensino de qualidade aos estudantes. A partir dos recursos que existiam no momento o fazer pedagógico foi realizado proporcionando reflexões sobre o espaço da tecnologia no nosso cotidiano.

A tecnologia faz parte da nossa vida a muito tempo, usamos a internet, computador, tablet, celular, aplicativos, dentre outros recursos, em vários contextos. Na educação ele se tornou um meio eficiente para levar o conhecimento, ao mesmo tempo, trouxe desafios, um deles é questão da acessibilidade. O mais relevante, pois, sem os meios como os estudantes podem aprender? Esbarramos no contexto das condições socioeconômicas do brasileiro que vivem em situações de pobreza, exclusão, influenciando todo seu percurso de vida.

Nesse sentido, observam-se que o acesso à educação na pandemia atingiu cada grupo de um modo diferente, aqueles que tiveram condições técnicas puderam aprender mesmo com as dificuldades. Já os que não tiveram esta acessibilidade ficaram totalmente desestimulados a continuar os estudos obrigando-os a abandonar a escola.

Partindo deste contexto, quais reflexões podemos fazer da experiência vivenciada na educação? Enquanto educador devemos estar a todo o momento pensando nas nossas práticas pedagógicas. De acordo com Morin “precisamos nos abrir para “novas educações”, o homem deve ser criativo, reflexivo, curioso, investigador e ser capaz de atender às novas exigências postas pela contemporaneidade”. (MOREIRA apud MORIN, 2000)

A sociedade contemporânea já vivenciava um processo tecnológico:

A tecnologia digital já batia às nossas portas antes da pandemia, porém no contexto atual, não temos escolha, somos uma sociedade digital. Talvez a facilidade de acessarmos fontes de informações seja um fator positivo, além de termos em mãos recursos tecnológicos estimulantes, os quais nos permitem inovar as nossas práticas. (MOREIRA, 2020, p. 3)

A tecnologia pode ser um bom recurso para tornar nossas aulas mais dinâmicas, interativas com os estudantes. Uma formação básica para seu uso deveria ser uma das políticas do governo, fato este que não ocorreu, levando os professores a buscarem por seus próprios meios cursos, informativos, aulas para aprender a utilizar as plataformas digitais.

Conforme Moreira “as maiores dificuldades enfrentadas pelos professores, no início principalmente, foram a acessibilidade à plataforma, encarar o novo, como trabalhar novas práticas pedagógicas”. (2020, p. 3) Esta análise nos faz pensar sobre o novo: ele tende a nos inquietar, seja em todos os aspectos da nossa vivência.

Os estudantes por sua vez, também passaram por muitas adversidades:

Já para o aluno, as dificuldades são falta de uma ferramenta tecnológica, falta de internet, dificuldade para acessar a plataforma, alunos que não possuem nem um celular; quero destacar que até hoje, propiciar o acesso do aluno tem sido a nossa maior preocupação em encontrar solução para o problema; os alunos que tentam

realizar as atividades não anexam e, então, não sabemos como avaliar o que eles fazem. (MOREIRA, 2020, p. 3)

Pensar na condição do estudante é fundamental neste processo. Sem ele não há aula! Sabemos que a condição socioeconômica influenciou bastante no andamento das atividades remotas. A realidade mostrou que muitos estudantes não tinham o contato com esses recursos, infelizmente vivemos em uma sociedade muito desigual e os mais prejudicados neste sistema são as pessoas das camadas sociais mais baixas.

Diante de tantos desafios, devemos analisar tudo o que foi produzido no momento pandêmico e repensar nossas práticas educacionais:

É uma oportunidade de dispensar o que não nos cabe mais, em especial certas visões colonizadoras e apressadas, tentar reverter os tais ciclos de precariedade, até o momento ininterruptos – e agora plataformizados; rever questões sérias em nossas infraestruturas, formação e condições de trabalho. (RIBEIRO, 2021, p. 13)

O que podemos aprender desse momento é que a educação precisa estar se atualizando, ou seja, acompanhado o avanço da sociedade. Nesse sentido, devemos pensar no que foi bom em termos de contribuição para a aprendizagem e continuar aperfeiçoando. O que não foi pertinente deve ser repensado para assim não reproduzir nos espaços educativos. Portanto, dadas as condições desafiantes resta seguir adiante aguardando as novas metodologias que serão utilizadas no pós pandemia.

4 METODOLOGIA

A metodologia utilizada no desenvolvimento deste trabalho partiu de uma abordagem qualitativa de caráter exploratório com objetivo de compreender o papel do sujeito da pesquisa a partir de suas experiências e desafios vivenciados neste momento. A pesquisa de campo nos oferece uma análise sobre os aspectos a serem estudados e seus resultados, para que isso de fato aconteça são feitas revisões bibliográficas sobre o tema alinhando assim com a realidade. A pesquisa bibliográfica contribui para o andamento do projeto:

[...] que a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. (SOUZA apud GIL, 2002, p. 45)

A partir da revisão bibliográfica de vários autores conclui-se que ela pode contribuir para a pesquisa de campo dando um suporte teórico sobre o objeto analisado. Conforme Gonçalves a pesquisa de campo busca diretamente a resposta com a população estudada. (SOUZA apud GONÇALVES, 2001, p.67)

Os objetivos da minha pesquisa foram compreender os desafios enfrentados pelos docentes da EJA com o ensino remoto emergencial no momento pandêmico e verificar como este público estudantil conseguiu acessar as aulas online e ter uma aprendizagem de qualidade.

5 ESTUDO DE CASO (COLÉGIO ESTADUAL EM SÃO FRANCISCO DO CONDE)

O presente trabalho buscou analisar as dificuldades encontradas pelos professores num colégio estadual situado em São Francisco do Conde nos anos de 2020 e 2021. Nesse período as aulas ocorreram no modelo remoto (online) por conta da pandemia da COVID 19, os estudantes tinham acesso a plataforma digital do Classroom onde eram realizadas as atividades escolares, já as aulas eram feitas pelo Google Meet (reunião online). De acordo com dados do Portal da Educação foram matriculados no ano de 2020 e 2021 aproximadamente 1.457 estudantes.

O levantamento consistiu em um questionário respondido com 4 professores que atuam nas turmas dos Eixos VI e VII (Ensino Médio) e 1 coordenadora pedagógica que atuam na EJA. Esses professores são ambos do sexo feminino e masculino, lecionam há alguns anos nesta modalidade de ensino, com relação a coordenadora pedagógica a profissional possui formação na Educação de Jovens e Adultos tendo 19 anos de atuação neste espaço escolar.

Por conta da pandemia da Covid 19 as aulas foram ser suspensas, de acordo com os protocolos de segurança. No atual contexto a pesquisa precisou se adaptar a realidade, por conta disso o questionário foi elaborado pelo Google Formulários e enviado por meio da plataforma de WhatsApp aos professores do colégio. Diante das dificuldades do momento apenas quatro professores responderam as perguntas. O questionário contou com 15 perguntas e para preservar a identidade dos participantes foram usados nomes fictícios.

Os sujeitos da Pesquisa:

Por meio do contato inicialmente com a direção da escola e em seguida com a parte pedagógica teve a autorização para o desenvolvimento da pesquisa no espaço escolar com a participação dos docentes. Responderam ao questionário 04 profissionais que atuam na Educação de Jovens e Adultos e a 1 coordenadora. Seguem alguns dados dos participantes:

João

Série que leciona: Eixo VI.

Formação: Não possui especialização em EJA.

Quanto tempo leciona na EJA: 06 anos.

Paulo

Série que leciona: Eixo VI.

Formação: Não possui especialização em EJA.

Quanto tempo leciona na EJA: 04 anos.

Maria

Série que leciona: Eixo VI.

Formação: Não possui especialização em EJA.

Quanto tempo leciona na EJA: 04 anos.

Joana

Série que leciona: Eixo VI.

Formação: Não possui especialização em EJA.

Quanto tempo leciona na EJA: 11 anos.

Como mostra abaixo algumas perguntas feitas aos professores sobre o período escolar remoto de 2020 e 2021:

Diante do contexto da pandemia da COVID 19, como foi trabalhar de forma remota com a EJA?

Professor João respondeu: “complicado, devido à falta de recurso tecnológico”.

Professora Maria respondeu: “bastante difícil”.

Professora Joana respondeu: “Foi bastante difícil trabalhar com os alunos da EJA, seja pelo fato de não possuir celular, notebook e pela falta de conectividade”.

Professor Paulo respondeu: “Foi uma experiência nova e, portanto, enriquecedora. Aspectos positivos se relacionam com o contato online com os alunos transmitindo conhecimento e calor humano diante da situação estabelecida apesar do número reduzido de alunos que conseguiram acompanhar ou participar das aulas online por diversos motivos, principalmente por não ter acesso à internet”.

Percebe-se que a dificuldade encontrada pelos professores em grande parte é devido à falta de recurso tecnológico, onde muitos não tinham equipamentos para utilizar na produção

de vídeos e outros materiais pedagógicos. Outro ponto se refere à questão do acesso dos próprios estudantes a estes recursos inviabilizando o andamento das atividades.

Participou de alguma formação de professores para ensinar de forma remota?

Professor João respondeu: “Não participei”.

Professora Maria respondeu: “Sim”.

Professora Joana respondeu: “Sim”.

Professor Paulo respondeu: “Sim”.

Este ponto também reflete sobre a formação dos professores na pandemia. Com relação ao uso das tecnologias digitais foi um aspecto muito relevante na prática de todo educador. Conforme a resposta acima houve a procura e também a necessidade de pesquisar sobre o ensino remoto. Na sua maioria os professores tiveram que buscar aperfeiçoamento para lidar com uma nova metodologia de ensino.

Quais atividades você utilizou nas aulas remotas?

Professor João respondeu: “escrita, objetivas, oral, análise de músicas e vídeos”.

Professora Maria respondeu: “atividades diversas de acordo com a realidade de cada turma”.

Professora Joana respondeu: “Produção de vídeos, atividades do Google formulário, seminários, análises de vídeos temáticos, imagens e letras de músicas, produção de poemas, cordel, paródias, rodas de conversas com profissionais de diversas profissões”.

Professor Paulo respondeu: “Estudo dirigido, questionários objetivos e subjetivos via formulário Google, apresentação de seminário, debate online.”.

As aulas remotas foram um grande desafio para os professores, principalmente com a EJA, onde muitos alunos não tinham acesso aos recursos tecnológicos, tiveram sua condição de vida precarizada ainda mais por conta da pandemia da COVID 19. Os professores tiveram que se reinventar nesta situação, adequando suas aulas ao contexto online com atividades que envolviam não só a escrita como também a oralidade, análise de músicas e vídeos com objetivo artístico. Para cada perfil da turma foi desenvolvido uma metodologia de forma que garantisse o aprendizado dos estudantes.

Os estudantes participaram das atividades remotas?

Professor João respondeu: “Poucos, porém bem participativos”.

Professora Maria respondeu: “Alguns”.

Professora Joana respondeu: “Pequena participação. Os poucos que frequentaram até o final responderam satisfatoriamente as atividades propostas”.

Professor Paulo respondeu: “Poucos alunos participaram e alguns foram abandonando ao longo do percurso, três turmas não tiveram nenhuma participação, apesar de terem aceito o convite para o Google Sala de Aula”.

Este item reflete a situação dos estudantes no período pandêmico, muitos não retornaram as aulas tendo um alto índice de evasão. Os poucos estudantes que frequentaram as aulas remotas participaram das atividades propostas pelos professores.

Houve evasão dos estudantes? Quais foram as causas?

Professor João respondeu: “Sim, falta de recursos tecnológicos”.

Professora Maria respondeu: “Sim”.

Professora Joana respondeu: “Sim, os alunos não tinham condições materiais para acompanhar as aulas remotas”.

Professor Paulo respondeu: “Sim. Primeiro, a secretaria de educação demorou em organizar as turmas, errou matriculando alunos que avançaram nas antigas turmas. A maioria dos alunos não teve acesso à internet por falta de dados e/ou falta de equipamentos como tablet ou aparelho de smartphone”.

Esta evasão pode ser observada por conta das questões socioeconômicas que se intensificaram com a crise sanitária mundial. Muitos estudantes perderam seus empregos elevando ainda mais a pobreza, por conta disso, ficou evidente a falta de acesso aos recursos tecnológicos como um dos entraves ao ensino remoto.

Quais dificuldades os estudantes encontraram neste percurso escolar?

Professor João respondeu: “O recurso tecnológico, a internet e a falta do professor para orientar presencialmente”.

Professora Maria respondeu: “Eles sempre preferem a aula presencial”.

Professora Joana respondeu: “Ausência de ferramentas, dificuldade em se manter conectado, falta de habilidade no uso dos aparelhos, entre outros”.

Professor Paulo respondeu: “Dificuldade na adaptação de uma nova ferramenta como o Google Classroom e seus dispositivos”.

Ao observar que a falta dos recursos tecnológicos são obstáculos para o ensino remoto, outro ponto também pode ser analisado: a aula presencial. Os estudantes sentem falta do contato dia a dia com o professor de forma presencial, assim, na EJA a dificuldade foi neste ‘novo normal’ ter o contato direto professor e estudante.

Teve avanços na aprendizagem? Por quê?

Professor João respondeu: “Acredito que sim, mediante as respostas nas avaliações teóricas e escritas”.

Professora Maria respondeu: “Alguns”.

Professora Joana respondeu: “Acredito que sim, pois os alunos que conseguiram levar até o final, comprovaram através de atividades avaliativas que desenvolveram as habilidades e competências necessárias para avançar para a próxima etapa de formação”.

Professor Paulo respondeu: “Sim. Os poucos alunos que aderiram aprenderam a navegar e a utilizar as ferramentas online, assim como o próprio conteúdo de cada eixo abordado durante as aulas”.

Com as dificuldades que foram impostas neste período da pandemia, as aprendizagens dos estudantes de certa forma tiveram seus avanços e retrocessos. Os professores a partir de seus contextos criaram metodologias para que os estudantes pudessem aprender de maneira satisfatória neste momento. Sabemos que em se tratando da EJA, o contexto acaba sendo mais complexo por conta das dificuldades que os próprios estudantes enfrentam no seu dia a dia e no momento atual.

Enquanto educador, o que você aprendeu neste processo sobre as tecnologias digitais?

Professor João respondeu: “Aprendi muitas coisas, usar o CLASRRROM, o ZOOM, o MEET, gravar vídeos e demais coisas”.

Professora Maria respondeu: “Para aprender não tem idade. É preciso querer”.

Professora Joana respondeu: “Trabalhar nesses dois últimos anos, foi bastante desafiador, pois tive que me reinventar para dar conta da minha profissão. Precisei aprender a utilizar as ferramentas tecnológicas para desenvolver as aulas de Geografia, ampliei meus conhecimentos, tive contato com novos recursos, dinamizei minhas aulas e percebi como as TICS podem potencializar e enriquecer o processo de ensino-aprendizagem”.

Professor Paulo respondeu: “Conheci a plataforma do GOOGLE CLASSROOM e outros aplicativos como o CANVA, por exemplo”.

A partir do atual momento que estamos vivendo, o professor teve que se adaptar as novas tecnologias digitais, aprendendo com seus próprios recursos, buscando cursos e ferramentas para assim criar suas aulas no formato online. Independente da idade o professor teve que reinventar nas suas práticas pedagógicas e entender que a partir de agora as tecnologias digitais vão fazer parte do sistema educacional.

Os recursos tecnológicos contribuíram para a aprendizagem dos estudantes? Porquê?

Professor João respondeu: “Em tempos de pandemia é indispensável”.

Professora Maria respondeu: “Em parte”.

Professora Joana respondeu: “Sem dúvida, pois os recursos tecnológicos abriram um leque de conhecimentos e oportunidades que eles não conheciam ou pouco conheciam”.

Professor Paulo respondeu: “Sim. Diante da realidade de ensino online, as ferramentas cumpriram seu papel através da apresentação dos temas e aplicação das atividades”.

Como citado pelo professor João “em tempos de pandemia é indispensável o recurso tecnológico”. Como pode contribuir a tecnologia para o aprendizado dos estudantes? A partir do contexto de isolamento social foi necessária uma metodologia que pudesse garantir o ensino e aprendizado dos estudantes. O problema se torna quando nem todos possuem o mesmo acesso a estes recursos e a sua qualidade, seja para professores e estudantes. Nesse sentido, devemos questionar sobre direitos do cidadão a uma melhor qualidade de vida.

Deixe aqui seus comentários sobre o tema:

Professora Joana: Tema muito relevante e bastante propício para os tempos que estamos vivendo.

Professor Paulo: “Ficou notório a desigualdade social dos estudantes da rede pública e privada, assim como a fragilidade dos alunos do EJA e suas particularidades. Muitos alunos se deslocaram para a casa de parentes e amigos por não ter internet em casa. O mínimo que o Estado deveria ter feito era disponibilizar internet para os alunos, assim como os dispositivos”.

Resposta da coordenação pedagógica sobre o ensino remoto de 2020 e 2021:

Quantas turmas de EJA estão matriculadas no ano de 2020 e 2021? Quais são os eixos que o Colégio Martinho Salles Brasil oferta?

C. P. respondeu: “Foram criadas 12 turmas, compreendem Eixos VI e VII”.

Diante do contexto da pandemia da COVID 19, como foi trabalhar de forma remota com a EJA?

C.P. respondeu: “Muito difícil. Um número expressivo de estudantes não tem acesso a internet (wifi ou dados móveis), acesso ou até mesmo domínio das ferramentas digitais para acompanhar as atividades síncronas e assíncronas propostas, o que dificultou um alcance maior dos estudantes da EJA, tendo o registro de um percentual bem pequeno de respostas às atividades propostas”.

Assim como explanado pelos professores da EJA, a coordenação pedagógica também relatou as dificuldades dos estudantes e professores no referido período.

Quais ações foram desenvolvidas para o público da EJA?

C.P. respondeu: “Diante das limitações no acesso às ferramentas tecnológicas e a internet, para os estudantes da EJA foi proposto o trabalho com aulas síncronas pelo Google Meet, atividades assíncronas pelo Google Classroom e para os estudantes sem acesso à internet, foi proposto atividades nos cadernos de aprendizagem que foram impressos pela escola. A busca ativa também foi uma estratégia para resgatar os estudantes que ficaram fora do processo através do ensino remoto, embora tenhamos dificuldade no acesso aos estudantes por meio de telefone para aqueles sem nenhum contato disponível. Grande parte dos estudantes

contactados por telefone sinalizou dificuldade ou limitação de dados para assistir as aulas síncronas, mas corresponderam com o envio das atividades no Classroom.

Houve uma série de estratégias para diminuir esse distanciamento entre o estudante e a escola, como mencionado acima, aqueles que tinham acesso aos recursos tecnológicos tinham aulas síncronas e assíncronas. Já aqueles com dificuldades de acesso houve a utilização do caderno de aprendizagem impresso. Com relação a busca ativa foi um mecanismo relevante para resgatar os estudantes que estavam desmotivados no atual contexto. Grande parte foi feita por telefone onde eles relataram suas limitações.

Quais dificuldades os professores relataram junto a coordenação sobre trabalhar com a EJA no ensino remoto?

C. P. respondeu: A limitação/falta de acesso a internet para acompanhar as aulas de interação online, participarem dos plantões pedagógicos para sanar dúvidas durante o processo e dificuldade para envio correto das atividades no Classroom. O cumprimento de prazos para as devolutivas das atividades propostas também foi sinalizado como um problema, mas que as especificidades apresentadas pelos estudantes da EJA foram respeitadas e consideradas. Quanto aos cadernos de apoio à aprendizagem disponibilizados no site da Secretaria da Educação do Estado da Bahia, parte dos estudantes também não cumpriram os prazos pré-estabelecidos, o que acarretou num volume de cadernos para correção no final do ano letivo de 2021.

Nas reuniões pedagógicas os professores relataram das dificuldades de se fazer um bom trabalho devido a questões de limitação e falta de acesso dos estudantes com os recursos tecnológicos próprios para as aulas online. Considerando as devolutivas das atividades online que acabaram não sendo feitas no prazo foram sanadas devido ao atual contexto e dificuldades dos estudantes. Já os cadernos de apoio não entregues no prazo acarretaram ao final do ano um grande volume.

Houve evasão dos estudantes? Quais foram as causas?

C. P. respondeu: “Sim. Um número expressivo de estudantes ficaram de fora do processo não tendo nenhum acesso as plataformas disponibilizadas. Os estudantes sem acesso à internet

que procuraram à escola, tiveram os cadernos de apoio a aprendizagem disponibilizados para que pudessem acompanhar as atividades propostas, mas na condição de autodidatas, já que não tinham possibilidade de acesso às plataformas digitais”.

A partir desta explicação podemos notar que o público da EJA teve um grande prejuízo com relação ao acesso e qualidade no ensino. Muitos abandonaram a escola por não ter acesso a internet, outros utilizaram material impresso, e por fim, poucos os que puderam assistir as aulas por dispor de recursos tecnológicos.

Teve avanços na aprendizagem dos estudantes? Por quê?

C. P. respondeu: “Sim. Dos estudantes que tiveram condições de acompanhar o processo remoto com acesso à internet, conseguiu realizar trocas de informações e conhecimentos nos momentos de interação online. Quanto aos estudantes que só tiveram a oportunidade de responder as questões impressas nos cadernos de apoio, validar as com base nas devolutivas dadas não foi tão fácil por não termos como avaliar de fato se as produções foram dos próprios estudantes ou se houve intervenção externa, já que esses estudantes não tiveram possibilidade de mediação da aprendizagem pelo professor”.

Olhando o percurso das atividades nota-se que a aprendizagem só pode ser avaliada a partir desta estreita relação entre professor a estudante. Como analisado acima os estudantes com acesso à internet conseguiram estabelecer uma relação mais próxima com o professor e os conteúdos estudados. Já os estudantes que tiveram acesso ao material impresso a avaliação da aprendizagem se tornaram um processo mais complexo, pois o professor não tem como avaliar se de fato foram feitas por eles ou por terceiros.

Os recursos tecnológicos contribuíram para a aprendizagem dos estudantes? Por quê?

C. P. respondeu: “Para os que tiveram como acessar as aulas e plataformas digitais disponibilizadas, os recursos tecnológicos dinamizaram a aprendizagem por possibilitar variadas estratégias pedagógicas com uso pedagógico de vídeos ilustrativos, charges, ilustrações, formulários online, enquetes, jogos e podcast que ampliaram as informações e

exemplificações de forma mais prática e contextualizada para os estudantes que acompanharam todo processo de forma virtual”.

Os recursos tecnológicos são ferramentas relevantes para a aprendizagem dos estudantes, quando elaboradas de acordo com a especificidade de cada turma pode contribuir e muito para o ensino. O atual momento pandêmico reforçou ainda mais a utilização de métodos mais tecnológicos para a abordagem didática como imagens, jogos, enquetes entre outros.

Enquanto coordenador, o que você aprendeu neste processo sobre as tecnologias digitais?

C. P. respondeu: “Que pós pandemia, esses recursos serão ainda mais utilizados em sala de aula e fora dela. A experiência vivida no período pandêmico nos remeteu a experienciar, enfrentar desafios e superá-los com objetivo de alcançar os objetivos de aprendizagem pretendidos no contexto do ensino remoto. Dinamizar e utilizar metodologias ativas a partir das vivências do ensino remoto 2020/2021 será prioridade nos próximos anos que teremos para trabalharmos as defasagens de aprendizagem do período pandêmico ao qual tivemos que nos adaptar à nova realidade, mas que aprendemos com os erros e certos na constante busca pela (re) significação do ensino e aprendizagem no contexto remoto”.

Vivenciar esse momento tanto foi desafiante para coordenadores e corpo docente. A partir destas experiências com as novas tecnologias digitais o currículo deve ser repensado junto com a formação dos professores para o novo ensino pós pandemia.

Sobre o tema tecnologias no pós pandemia o que esperar?

Em 2022 e próximos anos, será prioritário investirmos em formação continuada dos profissionais da educação quanto ao uso pedagógico dos recursos digitais disponíveis e metodologias ativas que dinamizem o fazer pedagógico para superação da defasagem de aprendizagem diagnosticadas no período do ensino remoto em tempos de pandemia.

A partir das vivências e experiências ocorridas no período da pandemia do Corona vírus muitos desafios ocorreram modificando a forma do ensino em geral. Os aprendizados

foram alcançados mediante esforço dos professores, coordenadores e gestão. Com isso para os próximos anos é imprescindível a formação docente para as novas tecnologias digitais, aperfeiçoando suas metodologias para uma educação de qualidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi analisado no presente trabalho, com a coleta de dados podemos compreender os desafios enfrentados pelos professores da educação de jovens e adultos no percurso educativo na pandemia. Este momento vivenciado trouxe grandes desafios, fomos surpreendidos por uma crise sanitária mundial que impôs uma série de restrições, as aulas que antes eram presenciais foram suspensas, por conta disso, as escolas tiveram que oferecer uma educação voltada apenas ao ensino remoto.

O desafio partiu do uso da tecnologia na educação. Sem formação básica necessária e precários recursos os professores tiveram que se atualizar com as novas tecnologias, uma tarefa nada fácil dada as poucas condições. Nesse sentido, tiveram que criar metodologias que pudessem atender os estudantes a partir da realidade imposta.

Com base no relato da professora Joana: *“Trabalhar nesses dois últimos anos, foi bastante desafiador, pois tive que me reinventar para dar conta da minha profissão. Precisei aprender a utilizar as ferramentas tecnológicas para desenvolver as aulas de Geografia, ampliei meus conhecimentos, tive contato com novos recursos, dinamizei minhas aulas e percebi como as TICS podem potencializar e enriquecer o processo de ensino-aprendizagem”*. Mesmo com limitações as aulas foram acontecendo e o saber foi sendo construído com os estudantes. Aulas planejadas com músicas, vídeos, imagens, debates no modelo remoto possibilitou o desenvolvimento da aprendizagem.

Outro ponto desafiador destacado no trabalho é a falta de acesso dos estudantes com os recursos tecnológicos. Esse problema teve impactos no andamento das atividades, pois nem todos conseguiram acompanhar as aulas remotas. Sabemos que a condição socioeconômica reflete bastante no rendimento escolar, por isso a falta desses recursos excluiu muitos estudantes do sistema educacional. O governo deveria garantir o direito destes jovens e adultos às condições básicas de acessibilidade.

No atual momento da pandemia é imprescindível reavaliarmos tudo o que foi feito em termos educacionais, pois o processo de inclusão na EJA vai muito além de matricular os estudantes no ensino remoto. Deve-se garantir que eles sejam ouvidos, acolhidos, que tenham acesso aos recursos técnicos necessários para uma boa aprendizagem. A educação só faz sentido com a participação do estudante no processo.

Assim, concluo que a pesquisa foi de grande relevância para a compreensão do papel do professor e dos seus desafios neste momento da pandemia. Ao reavaliar nossas práticas

pedagógicas contribuiremos para uma educação de qualidade. Para tanto, o professor deve ser capacitado para desenvolver metodologias próprias para cada realidade vivenciada.

Referências

- ARROYO, Miguel. **Balanço da EJA: o que mudou nos modos de vida dos jovens adultos populares?** v. 1, n. 0, Revista de Educação de jovens e Adultos, agosto, 2007, p. 101-108.
- Constituição Federativa do Brasil.** Link: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em 04 de novembro de 2021.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Paz e Terra, São Paulo, 1996.
- HADDAD, Sérgio. **Escolarização de jovens a adultos.** n. 14, Revista Brasileira de Educação, Maio/ Jun/ Jul/ Ago, 2000.
- LDB.** Link: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf. Acesso em 22 de fevereiro de 2022.
- LOPES, Alice Casimiro. MACEDO, Elizabeth. **Teorias de Currículo.** Cortez, São Paulo, 2011.
- MOREIRA, Ademilde Aguilar. **Ensino online na Educação de Jovens e Adultos em época de pandemia: um desafio.** Integra Ead 2020, Campo Grande, 2020.
- RIBEIRO, Ana Elisa. **Educação e tecnologias digitais na pandemia: ciclo da precariedade.** v. 2, n. 1, Cadernos de Linguística, 2021, p. 01-16.
- SANTOS, Maria Inês Frozza Borges dos. **As causas das dificuldades de aprendizagem na EJA e as contribuições da psicopedagogia.** Link: <https://repositorio.ifsc.edu.br/handle/123456789/479>. Acesso em 07 de dezembro de 2021.
- SOUZA, Adriana da Silva de. **A EJA em tempos de pandemia: uma análise da atuação do professor em sala de aula.** Centro de Educação/CE, João Pessoa, 2021.